

EDITORA

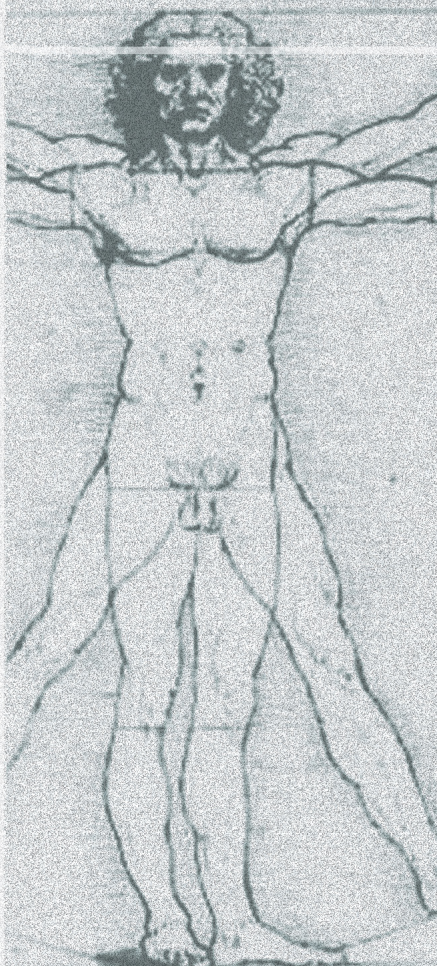


**UnB**

# **NARRATIVAS SOBRE O CORPO**

## Educação, arte e sociedade

**Juliana Rochet**  
(organizadora)



 **EXTENSÃO  
INSURGENTE**





**Universidade de Brasília**

**Reitora** : Márcia Abrahão Moura  
**Vice-Reitor** : Enrique Huelva

EDITORA

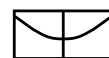


**UnB**

**Diretora** : Germana Henriques Pereira

**Conselho editorial** : Germana Henriques Pereira (Presidente)  
: Ana Flávia Magalhães Pinto  
: Andrey Rosenthal Schlee  
: César Lignelli  
: Fernando César Lima Leite  
: Gabriela Neves Delgado  
: Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo  
: Liliane de Almeida Maia  
: Mônica Celeida Rabelo Nogueira  
: Roberto Brandão Cavalcanti  
: Sely Maria de Souza Costa

EDITORA



**UnB**

# **NARRATIVAS SOBRE O CORPO**

**Educação, arte e sociedade**

Juliana Rochet  
(organizadora)



**Equipe do projeto de extensão – Oficina de edição de obras digitais**

<b>Coordenação geral</b>	Thiago Affonso Silva de Almeida
<b>Consultor de produção editorial</b>	Percio Savio Romualdo Da Silva
<b>Coordenação de revisão</b>	Denise Pimenta de Oliveira
<b>Coordenação de design</b>	Cláudia Barbosa Dias
<b>Revisão</b>	Guilherme de Miranda Marto
	Lara Andressa da Silva Carvalho
<b>Diagramação</b>	Uilca-Terra R. M. M. Martins
<b>Imagem de capa</b>	Homem Vitruviano de Leonardo Da Vinci

© 2024 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:  
Editora Universidade de Brasília  
Centro de Vivência, Bloco A - 2ª etapa, 1º andar  
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF  
CEP: 70910-900  
Site: [www.editora.unb.br](http://www.editora.unb.br)  
E-mail: [contatoeditora@unb.br](mailto:contatoeditora@unb.br)

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UnB)

---

N234            Narrativas sobre o corpo [recurso eletrônico] :  
                  educação, arte e sociedade / Juliana Rochet  
                  (organizadora). – Brasília : Editora  
                  Universidade de Brasília, 2024.  
                  79 p.

Formato PDF.  
ISBN 978-65-5846-271-2.

1. Extensão universitária. 2. Arte. 3.  
Educação. I. Rochet, Juliana (org.).

CDU 374.72





# Sumário

---

---

## Prelúdio 7

**Apresentação:** educação como prática de (ex)posição 9

Juliana Rochet

**A “invenção de si” no trabalho das imagens:**  
temporalidades, arte, corpo e sociedade 15

Edson Farias e Juliana Rochet

---

## Interlúdio 29

**Escrita imersiva em reverberações do Ciclo de Formações**

**Diálogos Universidade-Escola:** um relato de experiência  
da Escola Parque da Natureza de Brazlândia 31

Edinéia Alves Cruz, Lucas de Souza Amador, Mirelle Pereira Nascimento, Rogério Gomes dos Santos e Orlando Pereira dos Santos

**O corpo na UnB 39**

Leilane Reboredo de Castro

**Cá entre nós:** um espaço para partilha de *poiesis* e *aesthesis* 47

Alice Fátima Martins

**Do contar histórias em poéticas da intimidade 55**

Leticia Liesenfeld Erdtmann

**Vivência na dança, o corpo que se reconta 65**

Emilie Sugai



---

## Poslúdio 73

**Considerações finais:** Um olhar “sentipensante”  
sobre o saber-fazer extensionista 75

Ana Cláudia Ofuji, Andreia Priscila Borges Costa e Kamilla Torres



# Interlúdio

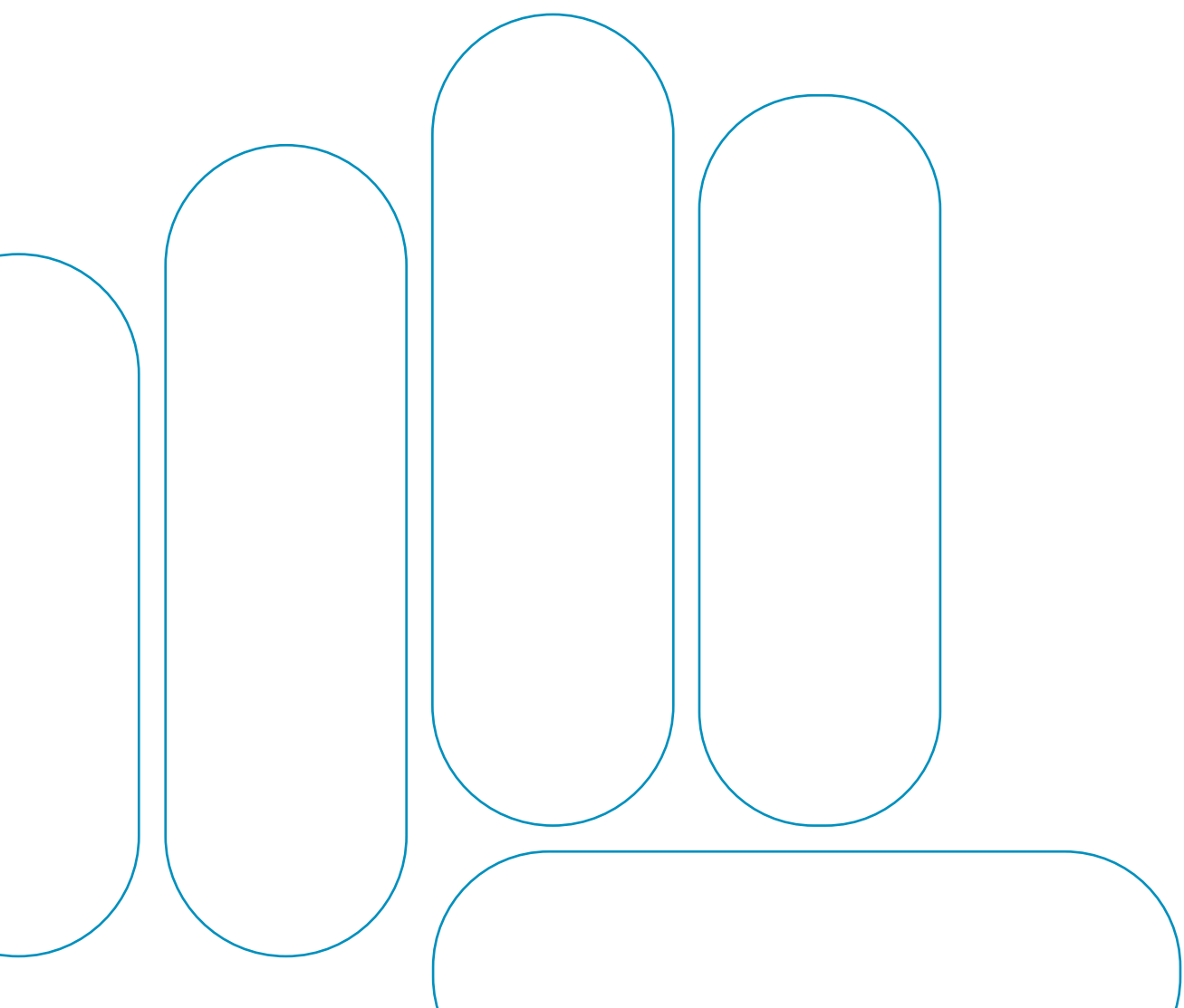
*Para apalpar as intimidades do mundo é preciso saber:*

- a) Que o esplendor da manhã não se abre com faca*
  - b) O modo como as violetas preparam o dia para morrer*
  - c) Por que é que as borboletas de tarjas vermelhas têm devoção por tómulos*
  - d) Se o homem que toca de tarde sua existência num fagote, tem salvação*
  - e) Que um rio que flui entre 2 jacintos carrega mais ternura que um rio que flui entre 2 lagartos*
  - f) Como pegar na voz de um peixe*
  - g) Qual o lado da noite que umedece primeiro.*
- etc.*  
*etc.*  
*etc.*


*Desaprender 8 horas por dia ensina os princípios.*

*Uma didática da invenção*

*Manoel de Barros*







# Cá entre nós: um espaço para partilha de *poiesis* e *aesthesis*

Alice Fátima Martins<sup>1</sup>



## Prolegômenos

O projeto Cá entre nós (Martins, 2022) consistiu numa ação de ocupação da Galeria da Faculdade de Artes Visuais, da Universidade Federal de Goiás, realizada entre 6 de julho e 5 de agosto de 2022. Sua proposta foi, inicialmente, submetida à chamada para propostas de exposições da Galeria, por meio de edital público veiculado em 2019, tendo sido aprovada para integrar a programação de 2020. Pensada, em seu primeiro desenho, para ser executada num período de 15 dias, a proposta previa o desenvolvimento de um conjunto de atividades com diversos grupos da comunidade no espaço expositivo. A cada atividade, objetos, textos, sonoridades e traços, outras marcas seriam deixadas, compondo, gradativamente, um conjunto de rastros, de referências das presenças das pessoas ali. Assim, esperava-se que o espaço, antes vazio e desprovido de qualquer artefato, estivesse repleto de informações e narrativas no último dia da ocupação. Só ao final, portanto, a exposição poderia ser considerada montada.

Contudo, o quadro pandêmico decorrente da covid-19, que se configurou entre o final de 2019 e início de 2020, inviabilizou (entre tantas ações e projetos de toda sorte) a realização da proposta. Dois anos depois, com a retomada das atividades presenciais na Universidade Federal de Goiás, o coordenador da Galeria fez a consulta, considerando a possibilidade de ter o projeto Cá entre nós como ponto de partida para a retomada da programação de exposições. O cadastro do projeto na plataforma de atividades de extensão, feito em 2022, atualizou a proposta de 2019, incluindo sua estrutura, dinâmica e as bases conceituais.

Com duração de um mês, o desenvolvimento do projeto articulou os princípios da extensão com ensino e pesquisa, no contexto da experiência de *poiesis* e *aesthesis*, num processo de ocupação daquele tempo-espaço de modo compartilhado, solidário, destinado a

---

<sup>1</sup> Professora titular na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás (UFG). Bolsista de produtividade em pesquisa pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)..

experimentações de criação. Dele, tomaram parte pessoas de diversas faixas etárias, desde a tenra infância à terceira idade, bem como públicos de diferentes segmentos sociais, desde a comunidade universitária, aos estudantes de escolas públicas da educação básica, e movimentos sociais de todo o estado de Goiás.

Desse modo, este texto aborda alguns pontos considerados importantes relativos ao planejamento e realização do projeto.

## Pontos de partida para a proposta

A elaboração do projeto *Cá entre nós* orientou-se pelo exercício crítico à noção de arte vigente, articulada a partir da instauração da modernidade. No ponto de partida, está o esforço no sentido de problematizar os parâmetros e protocolos de atribuição de valor e classificação no mundo da arte, referenciados pela noção de arte de matriz europeia, expandida para territórios além-Europa em sua expansão colonizadora (Martins, 2018). Tal noção de arte constituiu-se durante o Renascimento europeu, fundando-se em bases conceituais buscadas na filosofia, sobretudo na configuração da disciplina estética. Em outras palavras, a noção de arte, com a qual se opera a partir do sistema da arte, não é atemporal, tampouco universal.

É importante notar que, até o século XV, no contexto europeu, as palavras “artista” e “artífice” tinham sentidos muito próximos. O termo “arte” evocava um saber fazer, de modo que os mestres de ofícios dominavam as artes implicadas nos saberes e fazeres de seus ofícios (Rugiu, 1998).

Na transição do medievo para a renascença, o velho continente passou por profundas transformações políticas e econômicas. A figura do artífice (e os modos de compartilhamento de saberes, no contexto das escolas-ofício) deu lugar ao artista e suas habilidades individuais, e a uma arte “disponível para atender (sempre a bom preço) às vicissitudes dos desejos dos poderosos no tocante às suas representações e imaginários” (Martins, 2018, p. 14). Assim, foi demarcada a cisão entre arte e artesanato, a primeira tomada como marca de distinção social, econômica e política, e a segunda concebida na perspectiva de artefatos com finalidades utilitárias, de menor valor simbólico.

Esta questão se torna mais complexa quando são estabelecidas relações com as produções simbólicas de outras sociedades cujas concepções de mundo não correspondem à europeia. Como classificar tais produções? Nesse processo, os colonizadores, detentores do poder de guerra e dominação, não só apagaram a maior parte dessas produções, como também classificaram as sobreviventes a partir dos critérios protocolares do seu próprio sistema da arte, constituído pelas instituições (museus, exposições, academias de belas artes etc.), pelas teorias (estética, história da arte etc.) e pelo poder econômico.

Ao esboçar a perspectiva de uma *aesthesis* decolonial, Mignolo (2019) argumenta que tal possibilidade funda-se nas fronteiras da matriz colonial de poder, na busca por cura para as feridas decorrentes da dominação colonizadora. Para o autor, é necessário um desprendimento em relação à cultura e ao vocabulário que nomina o arquivo ocidental da arte. E, para referir-se ao sentir, escolhe a palavra *aesthesis*, cujo sentido ainda não foi feito refém



pelo campo artístico, evocando a capacidade mais ampla de sentir, de se deixar impactar pelas relações com o mundo. Da mesma forma, os fazeres, a capacidade de resposta aos impactos do mundo, reportam-se à *poiesis*, ao ato de criação, em devir. Assim, sentir, fazer e saber são possibilidades que transitam nas fronteiras, sem se deixarem sequestrar por uma concepção específica de mundo, tampouco da concepção colonizadora.

Considerando tais questões, a poética da solidariedade se esboça como uma noção, provisória, de um modo de fazer-sentir-pensar fundado não em artefatos, objetos ou obras de arte finalizadas, mas na natureza das relações entre as pessoas, no estabelecimento de vínculos comunitários, no exercício da sensibilidade, nos processos de criação e no compartilhamento de perguntas, de inquietações. O projeto Cá entre nós foi concebido como um exercício mais radical em vista de uma possível poética da solidariedade, um desprender-se dos protocolos e critérios do mundo da arte, das denominações da arte, na busca do mergulho no encontro entre pessoas, os exercícios de criação e suas reverberações.

## Articulação entre extensão, docência e pesquisa

O projeto, cadastrado na plataforma de projetos de extensão da Universidade Federal de Goiás, contou, em sua equipe, com o grupo de estudantes da disciplina Laboratório de Produção Artística 1.<sup>2</sup> Durante seu desenvolvimento, as aulas foram deslocadas para o espaço da galeria, quando a turma propôs atividades cuja realização contou com a participação da comunidade. Nos demais dias da semana, organizada em escala, a turma atuou na monitoria, acompanhando os fluxos de pessoas no espaço.

Do mesmo modo, as aulas da disciplina de Núcleo Livre,<sup>3</sup> Oficina dos Fios, foram ministradas na Galeria. Nesse período, as atividades desenvolvidas em cada encontro foram propostas pela própria turma. A vivência nesse espaço foi especialmente diferenciada para estudantes de cursos externos à Faculdade de Artes Visuais, tais como Agronomia, Biologia, Ciências Sociais, Museologia, de modo que tinham pouca familiaridade com esses os espaços e práticas ministrados na disciplina.

Assim, o desenvolvimento do projeto assegurou a ancoragem na construção de aprendizagens, no âmbito da docência. Por outro lado, ao constituir um espaço-tempo experimental, em vista das reflexões relativas à noção da poética da solidariedade, seu desenvolvimento liga-se ao projeto de pesquisa intitulado Educação, fronteiras, arte e seus transbordamentos, em desenvolvimento. A este projeto vinculam-se, entre outros, um projeto de iniciação

<sup>2</sup> O Laboratório de Produção Artística 1 integra o currículo do curso de Licenciatura em Artes Visuais (FAV/UFG) no conjunto das disciplinas obrigatórias.

<sup>3</sup> As disciplinas de Núcleo Livre, da Universidade Federal de Goiás, são propostas por docentes, suas vagas são ofertadas a estudantes de todos os cursos de graduação, possibilitando o trânsito dos cursos entre si e, conseqüentemente, o diálogo entre as diferentes áreas do conhecimento. Dentro dessa categoria de disciplina, encontra-se a Oficina dos Fios, um espaço de aprendizagens e produções de bordados, crochê, tecelagem, dentre outras técnicas que fazem uso de fios diversos.

científica, dois projetos de conclusão de curso de graduação e um projeto de doutorado, que também se assentaram total ou parcialmente no processo deflagrado na galeria.

Além das relações intensas estabelecidas entre o ensino e a pesquisa, é preciso notar que o espaço da Galeria da FAV é, sobretudo, destinado ao estabelecimento de trânsitos entre a comunidade universitária e a comunidade da qual ela faz parte. Assim, a construção da planilha de ações desenvolvidas teve em vista não só a disponibilidade, mas, sobretudo, o convite para que pessoas externas à universidade integrassem de modo ativo o espaço. E a resposta, nesse encontro, foi contundente. Durante um mês, familiares de estudantes compareceram para deixar suas marcas e produções, assim como estudantes de escolas públicas do município e do estado, além de crianças de educação infantil com seus familiares. A programação integrou, também, ações deflagradas por grupos que desenvolvem trabalhos e projetos sociais, como por exemplo o Movimento Camponês Popular e o Mestres de Capoeira, que imprimiram as discussões sobre fome, injustiça social e resistência cultural nas paredes, nas sonoridades e na sensibilidade daqueles que participaram desses momentos.

Vale notar que as atividades de extensão têm em vista integrar a formação acadêmica e profissional nos cursos de graduação, considerando os valores construídos socialmente e levando em conta os contextos sócio-históricos, assim como a necessária interlocução entre os saberes construídos no contexto universitário com os saberes múltiplos construídos fora dele.

Destaca-se que, no Brasil,

a extensão universitária é reconhecida desde 1988, pela Constituição Federal, como atividade específica das Instituições de Ensino Superior que constitui um dos três vértices da tríade formada juntamente com o ensino e a pesquisa. Está alinhavada como princípio de indissociabilidade nestes três vértices (Martins; Cabral; Oliveira, 2021, p. 6).

### Uma Galeria, uma exposição que não é para se ver, mas para se viver

Às vésperas da abertura daquilo que se convencionou chamar de exposição, havia uma grande expectativa. Como as coisas transcorreriam, dependeria da adesão das pessoas à proposta. Durante dois anos, a Universidade mantivera a maior parcela das atividades de extensão, ensino e pesquisa no formato remoto, condição que se impôs dentre as providências necessárias ao enfrentamento da covid-19. Nesse ínterim, as relações entre estudantes e docentes sofreram profundas modificações, do mesmo modo que as relações da própria Universidade com a comunidade externa, a sociedade da qual faz parte. Nesse período, a Galeria da FAV também fechou suas portas físicas, migrando para ações e exposições organizadas em plataformas digitais.

Isso tudo corroborou para ampliar as expectativas sobre a natureza das relações a serem estabelecidas. O projeto, atualizado desde sua primeira proposição em 2019, previa a participação intensiva das duas turmas de graduação, e propunha partir do espaço da

Galeria com materiais diversos disponibilizados e com a permissão para que visitantes e participantes em geral pudessem escolher livremente o que fazer, e como fazer, observada a necessidade de preservação do patrimônio, o cuidado com a integridade física, os princípios éticos nas relações entre as pessoas, o exercício de alteridade e de solidariedade.

Assim sendo, no primeiro dia, o dia da abertura, não havia o que ser visto. Havia um espaço aberto, receptivo, convocando a fazer, a agir, mas também à pausa e à reflexão. Paredes brancas reivindicavam que as pessoas deixassem suas marcas. O espaço vazio estava desejoso de vibrar com vozes e gestos. Aos poucos, bordados começaram a formar nichos. Alguém perguntou “pode pintar na parede?”. Com espanto ante a resposta afirmativa, a pergunta foi transformada em exclamação: “pode pintar na parede!”.

A parede exerceu força de atração como se fosse um ímã. As crianças se deleitaram desenhando, deixando as marcas de suas mãos, de seus gestos, de sua alegria. Jovens e adultos alternaram-se entre as áreas medianas e as mais altas das paredes, alcançadas por meio das escadas disponíveis. Estruturas aéreas passaram a pender do teto, entre fitas, tiras, sombrinhas, tules e peças de macramé. Tinta, grafite, spray, colagem etc.

A cada dia, multiplicavam-se as marcas, as produções e as interações. Havia, sim, muito o que se ver. Mas, sobretudo, havia o que se viver, num processo em devir.

## Fartura de alimento, de arte, de ética

A mesa redonda oferecia um menu variado: linhas de lã de diversas espessuras e texturas, uma caixa com linhas de bordado, uma lata com missangas de variadas formas, tamanhos e cores, tesouras, pincéis, tintas, canetas de toda cor, papéis com muitas estampas, revistas de histórias em quadrinhos, tecidos, barbantes, cola, fitas, entre outros. Os materiais disponíveis também estavam distribuídos sobre os cubos dispostos no espaço, facilitando o alcance de quem deles precisasse.

Contudo, a ideia de fartura não se assentava exatamente nos materiais disponíveis, que se multiplicavam à medida em que as pessoas decidiam também contribuir, trazendo suas ofertas. O sentido de fartura assentava-se, sobretudo, na natureza do espaço-tempo ali estabelecido, nas possibilidades propiciadas, e nas respostas das pessoas à convocação feita pelo projeto: fartura de formas, de textos, de falas, de presença, de sensibilidade.

Não foi por acaso que, dentre as ações realizadas, o Manifesto Camponês pela Fartura protagonizou o momento com maior convergência de pessoas ao projeto. Ali, o Movimento Camponês Popular integrou a ação na Galeria à programação em celebração de seus 14 anos de atuação na defesa da soberania alimentar. Nessa celebração, encontraram-se docentes e discentes da UFG, crianças do Departamento de Educação Infantil, pessoas da comunidade externa, em torno à mesa posta com alimentos orgânicos oriundos de várias partes do estado de Goiás.

A fartura de alimentos contrastou com os dados sobre fome, pobreza e desigualdade social, trazidos também pelas pessoas integrantes do movimento. Já a experiência de *poiesis* e *aesthesis* estendeu-se para além das paredes pintadas, envolvendo o paladar, o olfato,

o estômago e a necessária discussão crítica sobre a pobreza e a fome como projetos que atendem à manutenção das relações de poder.

### “Aqui não tem moldura!”

No dia de encerramento do projeto, os docentes e um grupo de estudantes do ensino fundamental da rede municipal ocuparam o espaço. Sua presença ali integrou a programação de outro projeto de extensão que, dentre outras ações, promove a visita de estudantes das redes públicas de ensino às dependências da Universidade, para desenvolverem atividades e estabelecerem interlocuções com estudantes e docentes dos cursos de graduação.

Naquela manhã, crianças na faixa etária entre 8 e 10 anos divertiram-se desenhando e pintando as paredes e os cubos, dançando entre as fitas, lendo e observando as produções de todas as pessoas que as antecederam, rindo a cada nova descoberta. Transbordavam de alegrias e brilhos no olhar. No entanto, mais do que a imersão no espaço-tempo da galeria, tinham a missão de fazer registros e apontamentos para relatar às crianças da escola que não puderam participar da ação, ou seja, levariam notícias, imagens e reflexões para compartilhar em suas turmas. Por isso, portavam aparatos disponibilizados pela própria escola para produzirem registros em fotografia e vídeo, a serem compartilhados.

Sentadas em roda, em meio a tantas produções, as crianças falaram sobre suas impressões: o que esperavam encontrar quando saíram da escola em direção à Galeria da FAV? “Uma exposição!”. Encontraram a exposição esperada? “[breve pausa] Sim e não! Sim, porque tem muita coisa para se ver; e não, porque não é uma exposição”. E por que não é uma exposição? “Porque numa exposição, as paredes são brancas e tem obras de arte dentro de molduras... aqui todo mundo pode pintar e desenhar nas paredes, as paredes estão cheias de cores, formas, textos... tudo vai se misturando, umas coisas nas outras. Aqui não tem moldura!”

A constatação da ausência das molduras, que pode parecer óbvia, revela um dos princípios orientadores não só daquele espaço-tempo em sua materialidade, mas sobretudo em sua concepção, no tocante às relações entre as pessoas, à circulação de ideias. Renunciar às molduras, sobretudo no interior de uma galeria que representa um aparelho do sistema da arte, implica abrir mão de lugares específicos nas estruturas hierárquicas estabelecidas no sistema das artes, mas também nas relações de produção de conhecimento e nas relações entre as diferenças, na experiência do estar no mundo.

Ali, marcas deixadas por jovens artistas e artistas com percursos avançados no mundo da arte interagiram com traços feitos por crianças com tenra idade e outras pessoas que não transitam pelas searas artísticas. As classificações em arte ou não-arte, arte ou artesanato não tinham lugar ali. A ênfase estava nas questões que moviam as pessoas presentes e nas reverberações dessas questões naquele espaço-tempo sem molduras, sem demarcações territoriais de poder, em relações marcadamente solidárias.



## Sobre apagamentos e não apagamentos

Na semana seguinte ao fechamento do espaço, com o encerramento do projeto, estava previsto o lixamento e a pintura das paredes. Havia, portanto, uma urgência em registrar ao máximo todas as informações, ainda que se tivesse em conta que tudo o que aconteceu ali durante um mês e as marcas deixadas naquele espaço não fossem passíveis de serem apreendidas em sua totalidade. Por mais registros que se produzissem, a experiência sempre transbordaria em muito, assim como todos os escritos, os grafismos, as pinturas, as colagens, as peças pendentes dos tetos e os materiais restantes que também integraram o ambiente. O próprio processo de apagamento propiciou aprendizagens intensas.

A esse respeito, ante a precariedade das condições de funcionamento das universidades públicas federais resultante dos cortes orçamentários, a elas destinadas, nas políticas públicas vigentes para a educação, a pintura das paredes coube à própria equipe da galeria, formada por seu coordenador, o docente responsável por sua gestão, ao lado do técnico em assuntos educacionais e do grupo de monitores e estagiários. Organizados em turnos, fazendo uso manual das lixas, eliminaram os excessos de tinta, retiraram as peças de colagem e começaram a aplicar as demãos de tinta branca.

As formas e textos de cores intensas foram se apagando gradativamente, até cederem às camadas do branco, mas nem todas. A toda forma de apagamento, contrapõem-se surpreendentes formas de resistir. Os textos e os desenhos feitos com canetas hidrográficas, à base de água, mostraram uma capacidade não prevista de resiliência. A cada nova demão de tinta, os grafismos emergiam, um pouco menos intensos, mas persistentes, como memórias que teimam em não se perder, como reverberações que permanecem, atualizando o vivido, o vívido do que foi experimentado.

Fora o desafio enfrentado pela equipe da Galeria, cuja tarefa também transpôs, e muito, seus papéis institucionais, e as questões técnicas da pintura que requereram a posterior atuação de equipe especializada, além disso, a resiliência das formas gráficas diante do processo de apagamento sinalizou também a importância de pensarmos sobre as memórias e as impressões que o vivido imprime naquilo que somos, ou supomos ser. Um pouco além, aportou a metáfora das resistências possíveis às dinâmicas de apagamento das referências culturais em relações de opressão e colonização.

Ao serem informadas sobre a pintura das paredes que seria feita em seguida, que aconteceria na semana seguinte à sua visita, as crianças da rede municipal de ensino reagiram com frustração. Não queriam que os seus desenhos, bem como todas as demais produções, fossem apagados. O desejo de permanência, de fixação no tempo-espaço é também o desejo de manutenção da experiência. Contudo, prosseguindo nas reflexões sobre o que tinham experimentado ali, manifestaram curiosidade acerca de quantas camadas de tinta cobririam as paredes da Galeria até aquele momento, e sobre quantas marcas foram apagadas, desde ações anteriores. Imaginaram uma espécie de investigação arqueológica dessas possíveis camadas, na busca de marcas esquecidas sob a ação do tempo e das quantas demãos de tinta.

Ora, no projeto *Cá entre nós*, e noutros orientados pelos mesmos princípios, os principais registros da experiência não permanecem nas paredes, sob as camadas de tintas, ou nos acervos dos museus, ou em catálogos fotográficos. Ficam, sim, dentre as referências de vida de cada pessoa que dele tenha tomado parte, disponibilizando-se para o exercício de interlocução, de partilha, de sentir-pensar-fazer com. A memória modifica-se no decurso do tempo, e as impressões mais intensas se comportam de modo semelhante aos traços feitos com as canetas hidrográficas: emergem sempre, a cada nova demão de tinta branca; modificam-se, como cada pessoa se modifica no decurso da vida, mas não se deixam apagar por completo.

Nesse sentido é pensada a poética da solidariedade, como processos de sentir-pensar-fazer compartilhados, pautados pelos encontros sensíveis, pelas relações de pertencimentos, cuja experiência de *poiesis* e *aesthesis* se situa muito além dos artefatos produzidos, ou de possíveis objetos de arte, mas sim nas próprias formas de se estar no mundo. Nesse contexto, o projeto *Cá entre nós* propiciou um espaço-tempo, no contexto das ações de extensão universitária, profícuo para esse exercício, oportunizando encontros plurais e compartilhamentos desapegados dos protocolos e das denominações estabelecidas pelo mundo da arte.

## Referências

MARTINS, Alice F. Rascunhos para uma poética da solidariedade como exercício crítico à concepção colonizadora da arte. *Cadernos de estudos culturais*, Campo Grande, v. 2, p. 9-24, 2018.

MARTINS, Alice F.; CABRAL, Valéria F. F.; OLIVEIRA, Bárbara S. Tecendo redes e criando redários na formação docente em artes. *Revista UFG*, Goiânia, v. 21, n. 27, 2021.

MARTINS, Alice F. *Cá entre nós*. Projeto de extensão PJ192-2022. Goiânia: Proec/UFG, 2022.

MIGNOLO, Walter. Reconstitución epistémica/estética: la aesthesis decolonial una década después. *Calle 14: revista de investigación en el campo del arte*, v. 14, n. 25, p. 14-32, 2019.

RUGIU, Antonio S. *Nostalgia do mestre artesão*. Campinas: Autores Associados, 1998.

A Editora UnB é filiada à



Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.



# NARRATIVAS SOBRE O CORPO

## Educação, arte e sociedade

Que histórias o corpo conta? Como nossos corpos contam, dançam, imaginam, compartilham histórias? Narrativas sobre o corpo – educação, arte e sociedade não apenas procura responder a estas questões, mas convida o(a) leitor(a) a dialogar e a se “ex-por” às tramas do corpo, ao corpo que cria, ao corpo que (se) conta. Originada do projeto de extensão O mais profundo é a pele e das apresentações realizadas ao longo da Jornada Poéticas do Corpo, a coletânea conta com colaborações de docentes, discentes e pesquisadores(as) da UnB, da Universidade Federal de Goiás e da Escola Parque da Natureza de Brazlândia - DF, todos com distintas (e ricas) trajetórias e atuação em variadas áreas de conhecimento. Destes encontros nasceram sete capítulos, bordados pelas palavras de Manoel de Barros. Entre aprendimentos e ignoranças, os capítulos estão organizados entre Prelúdio, Interlúdio e Poslúdio. A boniteza deste processo de narrar o(s) corpo(s) reluz ainda mais porque acontece no âmbito de uma ação de extensão, provocando o trânsito entre universidades e escolas, “entre peles, fronteiras e territorialidades”, radicalizando a partilha entre saberes e fazeres diversos. Um livro feito de corpos e palavras, para seguirmos caminhando, aprendendo e narrando juntos.

**Luciana Hartmann**

Professora titular do Departamento de Artes Cênicas/UnB.

EDITORA



**UnB**

